



2º TRIMESTRE
2023

P O R T U
G U E S E
S H O E S

A P I C C A P S

ANÁLISE
TRIMESTRAL
DE CONJUNTURA
À INDÚSTRIA DE
CALÇADO

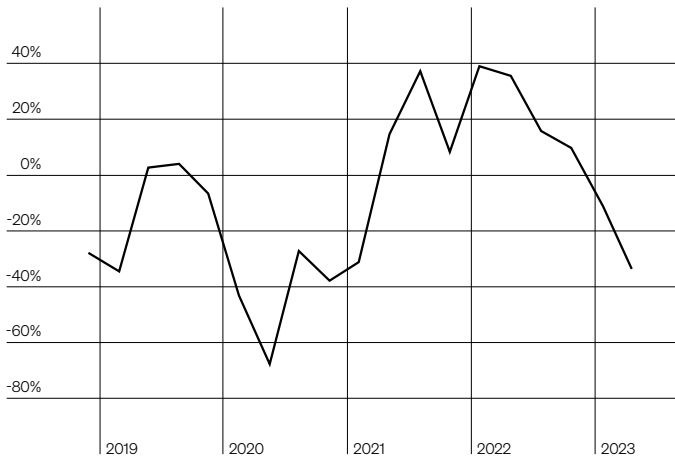
No segundo trimestre, acentuou-se a tendência de abrandamento da atividade da indústria de calçado que vem de meados de 2022. A maioria das empresas continua a considerar que o estado dos negócios é suficiente ou bom, mas a carteira de encomendas e a produção diminuíram e a tendência de subida dos preços que se observou nos últimos dois anos parece ter-se esgotado.

A insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros voltou à liderança das dificuldades enfrentadas pelas empresas do setor, depois de dois anos em que esse lugar coube ao abastecimento de matérias-primas.

Diminuíram as referências a escassez de mão-de-obra qualificada.

Apesar deste cenário de abrandamento da atividade, a larga maioria das empresas não alterou o número de pessoas ao seu serviço e as referências a dificuldades financeiras não aumentaram. A percentagem de empresas que dizem não ter nenhuma dificuldade teve até um ligeiro aumento.

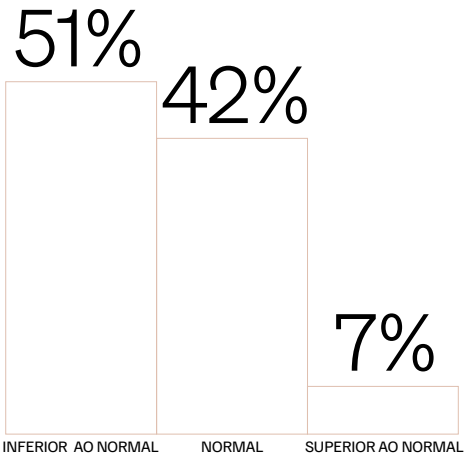
Para o próximo trimestre, as empresas preveem a manutenção destas tendências, com um ligeiro agravamento da insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros.



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE

A desaceleração da atividade é também observável nas respostas relativas à utilização da capacidade produtiva: as empresas que declararam que a utilização da capacidade ficou aquém do normal para a época do ano excederam em 44 p.p. as que disseram o oposto. 42% das inquiridas consideraram que a utilização da capacidade permanece dentro da normalidade, mas esta percentagem chega aos 80% entre as empresas de maior dimensão.

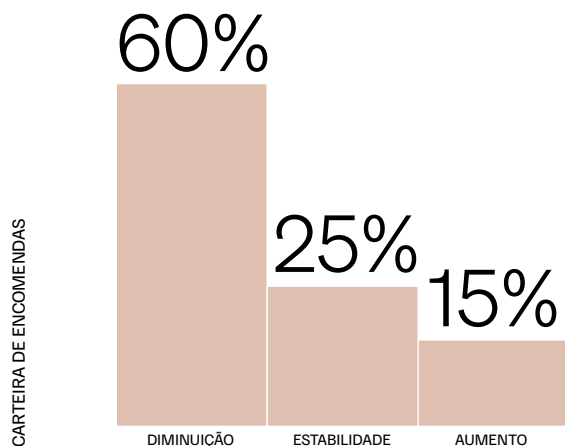


CARTEIRA DE ENCOMENDAS

A mesma tendência é visível ao nível da carteira de encomendas: apesar de uma em cada quatro empresas afirmar que, no trimestre, a sua carteira permaneceu estável, foram consideravelmente em maior número as empresas que sentiram uma diminuição da carteira de encomendas do que as que a viram aumentar (s.r.e. -45 p.p.), com as maiores empresas a estarem particularmente desapontadas com o mercado.

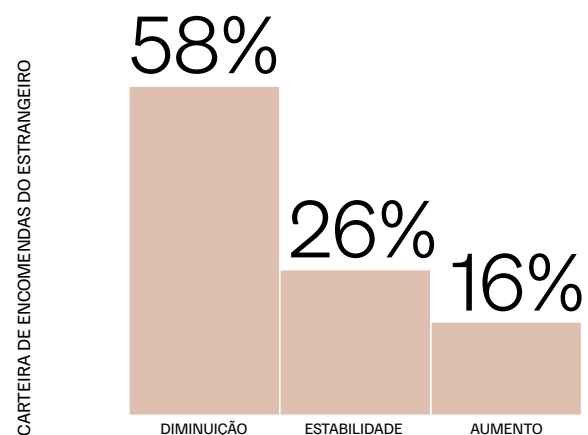
PRODUÇÃO

Neste trimestre, a maioria das empresas inquiridas declarou que o seu nível de produção permaneceu estável (37%) ou aumentou (15%). No entanto, o saldo de respostas extremas (s.r.e.) prosseguiu a trajetória descendente que tem demonstrado desde o segundo semestre de 2022 e atingiu -33 pontos percentuais (p.p.), o valor mais baixo desde o final de 2020. A predominância de respostas negativas é comum às empresas de todos os escalões de dimensão e orientação exportadora, mas menos acentuada entre as que se dedicam exclusivamente ao mercado nacional e às que têm uma vocação totalmente exportadora.



CARTEIRA DE ENCOMENDAS

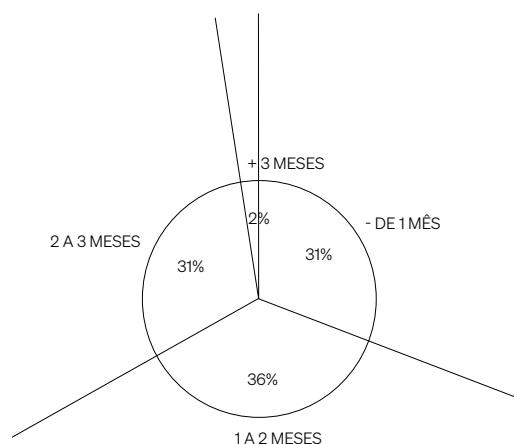
As opiniões relativas à carteira de encomendas do estrangeiro são muito idênticas: a resposta mais frequente foi também a diminuição, referida por 58% das empresas. Mais de um quarto das inquiridas (26%) indicam que as encomendas vindas do exterior estabilizaram. Contudo, as que indicam uma diminuição ficaram 42 p.p. acima das que referem um aumento.



CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

HORIZONTE

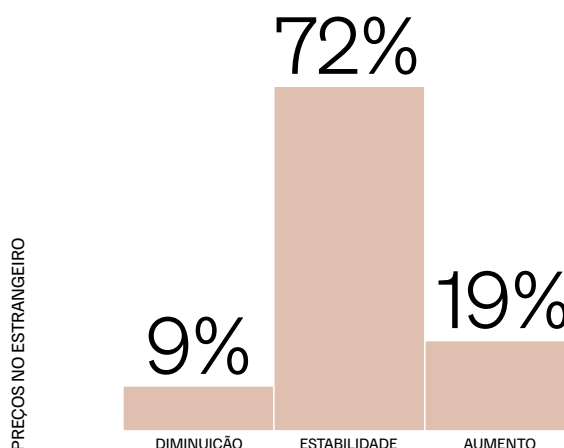
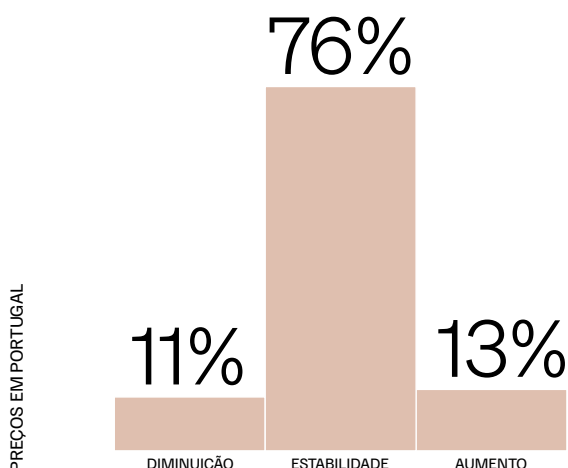
Dada esta evolução das encomendas, a percentagem de empresas que dizem ter a produção assegurada para menos de um mês aumentou consideravelmente atingindo 31%, o nível mais elevado desde o final de 2020. A percentagem das que afirmam ter 1 a 2 meses também aumentou 4 p.p. em relação ao 1º trimestre. Apenas 2% das empresas asseguram ter a produção garantida para mais de três meses. Nesta matéria, as empresas de maior dimensão apresentam a situação mais favorável.



PREÇOS

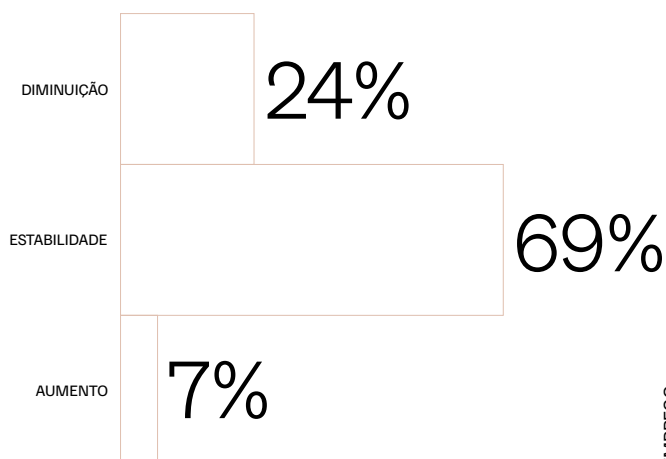
Este abrandamento da atividade veio travar a tendência de subida dos preços observada nos últimos dois anos: embora ainda positivos, os saldos de respostas extremas diminuíram consideravelmente, situando-se agora em, apenas, +2 p.p. no que respeita ao mercado português e +10 p.p. no

estrangeiro, o que representa uma redução de cerca de 20 e 30 pontos percentuais, respetivamente, em relação ao primeiro trimestre. A grande maioria das empresas considera que os preços se mantiveram estáveis, quer no mercado nacional (76%), quer no mercado externo (72%).



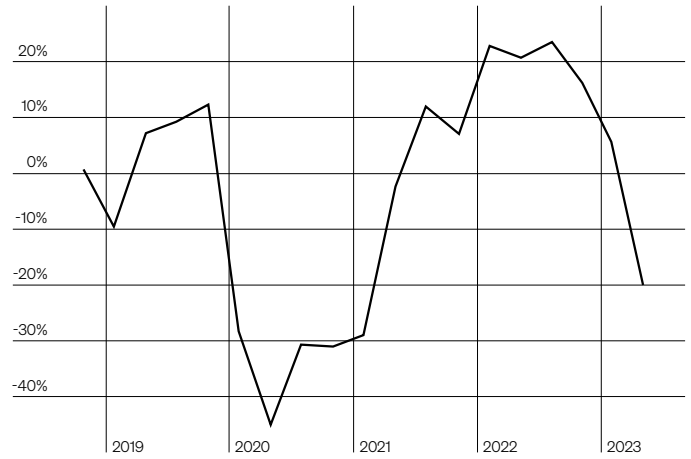
PESSOAS AO SERVIÇO

Apesar do cenário de abrandamento da atividade da indústria, a maioria das empresas (69%) dizem não ter alterado o número de pessoas ao seu serviço. Há mesmo 7% das empresas inquiridas que, apesar deste contexto, reforçaram os seus quadros de pessoal. Entre as restantes, predominam as respostas de sentido negativo (s.r.e. -17 p.p.). As empresas totalmente exportadoras tiveram, nesta matéria, uma evolução mais favorável do que as restantes, apresentando um saldo de respostas extremas positivo.

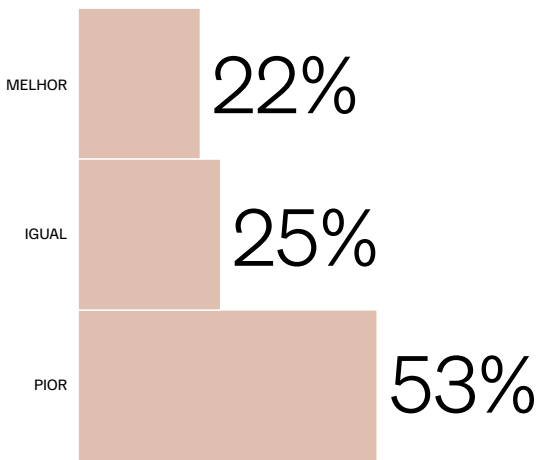


ESTADO DOS NEGÓCIOS

O abrandamento da conjuntura patente nos resultados anteriores reflete-se na apreciação que as empresas fazem do estado dos negócios: embora a maioria considere que o estado dos negócios é suficiente (38%) ou bom (21%), o saldo de respostas extremas foi negativo (-20 p.p.), o que tinha acontecido pela última vez há cerca de dois anos, durante a pandemia.



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR



ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO

O agravamento da conjuntura é notório na opinião das empresas sobre o estado dos negócios neste trimestre por comparação com o trimestre homólogo do ano anterior: 53% das inquiridas consideram que a situação é pior do que a então verificada. O saldo de respostas extremas volta a atingir valores negativos (-31 p.p.) da mesma ordem que os verificados no início de 2021.

O abrandamento da conjuntura atingiu particularmente as empresas mais pequenas. Entre as de maior dimensão o saldo de respostas extremas relativo ao estado dos negócios permanece largamente positivo. As empresas mais orientadas para os mercados externos fazem uma avaliação da situação menos desfavorável do que as restantes.

PEQUENAS EMPRESAS	55%		26%	19%
	PIOR		IGUAL	MELHOR
MÉDIAS EMPRESAS	54%		29%	17%
	PIOR		IGUAL	MELHOR
GRANDES EMPRESAS	55%		20%	25%
	PIOR		IGUAL	MELHOR
EMPRESAS MUITO GRANDES	20%	20%	60%	
	PIOR		IGUAL	MELHOR

LIMITAÇÕES À PRODUÇÃO E VENDAS

No segundo trimestre do ano, deu-se uma alteração da estrutura das principais dificuldades da indústria, com os fatores de mercado a retomarem a liderança, depois de uma fase em que a principal dificuldade estava no abastecimento de fatores de produção.

A insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros mencionada por 66% dos inquiridos, 15 p.p. acima do valor registado no trimestre anterior, lidera agora a lista de limitações à atividade referidas pelas empresas.

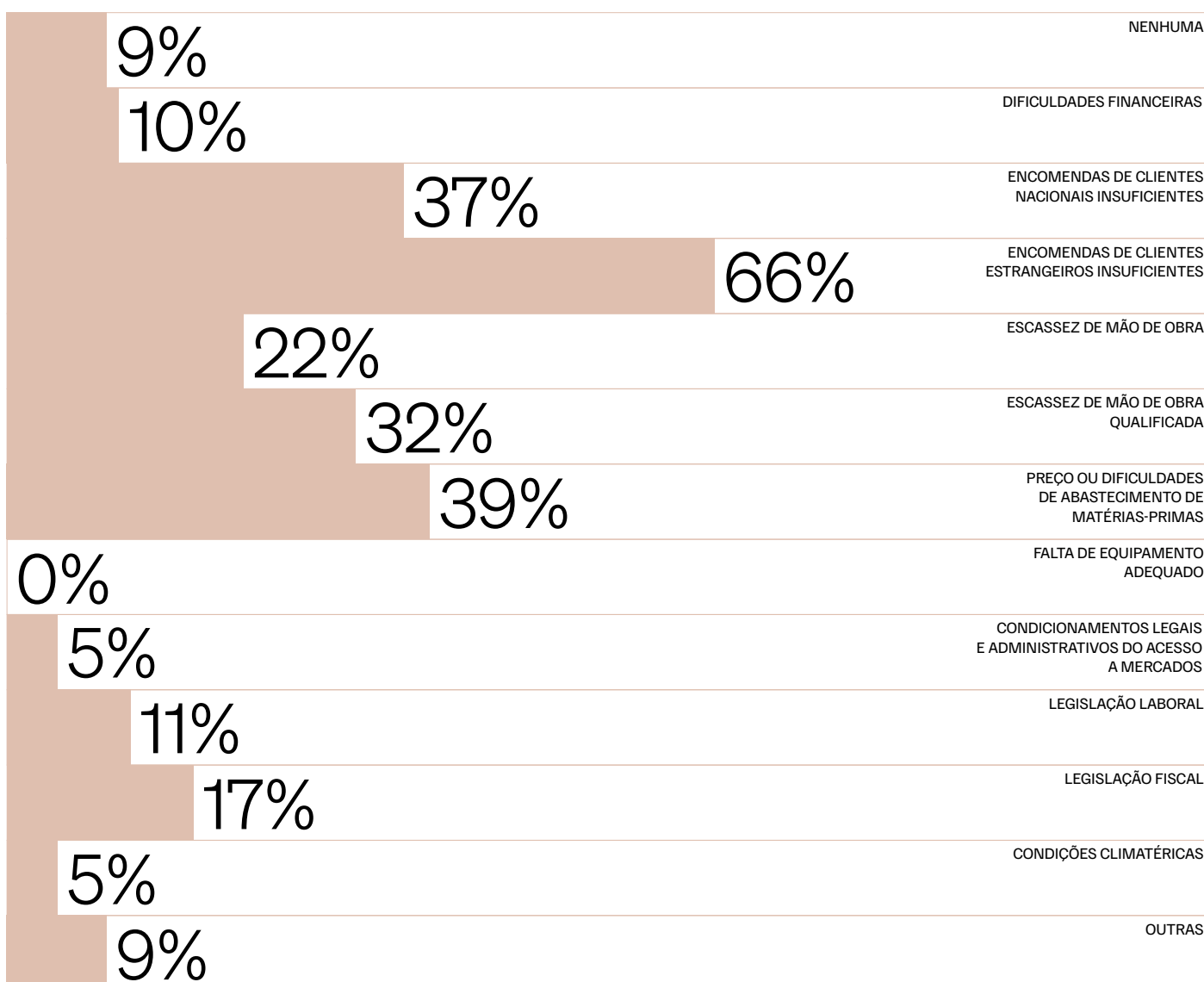
Esta preocupação é transversal a todas as inquiridas, independentemente da sua dimensão e vocação exportadora. A percentagem de empresas preocupadas com a insuficiência de encomendas de clientes nacionais também aumentou (passou de 25% para 37%).

Em contrapartida, reduziu-se significativamente a percentagem de empresas que dizem enfrentar dificuldades relacionadas com o abastecimento e preço das matérias-primas (de 56% para 39%), que, no

entanto, ocupam ainda o segundo lugar na lista de limitações referidas pelas empresas do calçado. Diminuíram, também, as referências à escassez de mão-de-obra qualificada (de 43% para 32%) mas não à mão-de-obra em geral.

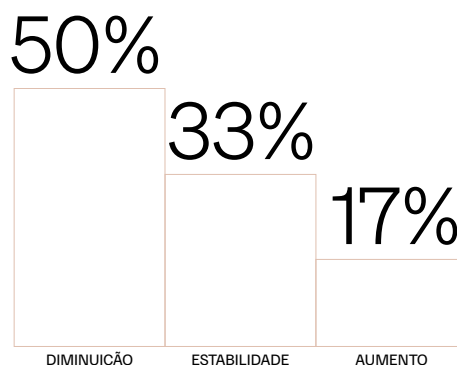
Aumentaram as referências às condições climatéricas e outras preocupações da indústria agora referidas por 5% e 9% dos inquiridos, respetivamente.

Apesar dos sinais de que a indústria enfrenta um momento menos favorável, a percentagem de empresas inquiridas que declararam que, no segundo trimestre, não se depararam com nenhuma limitação à sua atividade permaneceu muito semelhante à do trimestre passado tendo, apenas, aumentado 1 p.p. e as referências a dificuldades financeiras até diminuíram em 3 p.p. (de 13% para 10%).



TENDÊNCIA DA PRODUÇÃO

No 3º trimestre deverá manter-se a tendência de redução da produção a que se tem assistido, uma vez que as empresas que acreditam que assim acontecerá excedem em 33 pontos percentuais as que preveem um aumento da produção. No entanto, uma em cada três empresas é de opinião que o nível de produção estabilizará. Estas perspetivas são transversais às empresas dos vários escalões de dimensão e orientação exportadora.



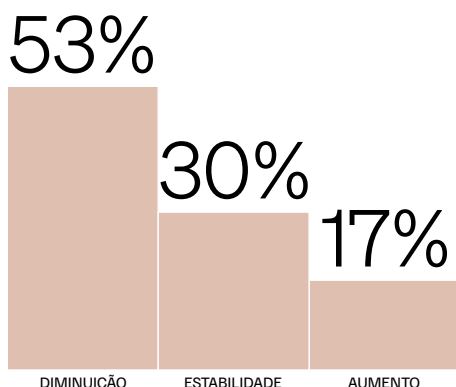
PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO

PERSPETIVAS DE ENCOMENDAS

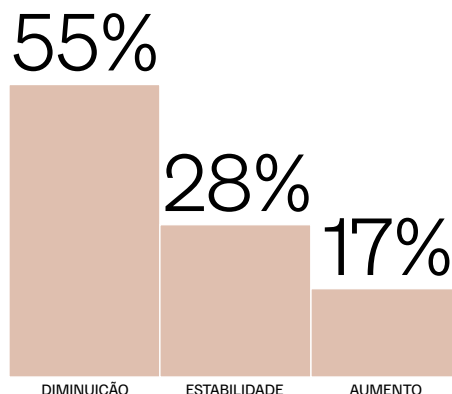
As perspetivas são bastante semelhantes no que respeita à evolução da carteira de encomendas: a percentagem de inquiridos que acreditam na sua estabilidade é de 30% no caso da carteira global e de 28% no das encomendas vindas do estrangeiro. Em ambos os casos são mais as

respostas de sentido negativo do que positivo, resultando em saldos de respostas extremas de -36 p.p. e -38 p.p., respetivamente. As empresas de menor e maior dimensão apresentam saldos negativos, contudo não tão elevados quanto os das médias e grandes.

PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



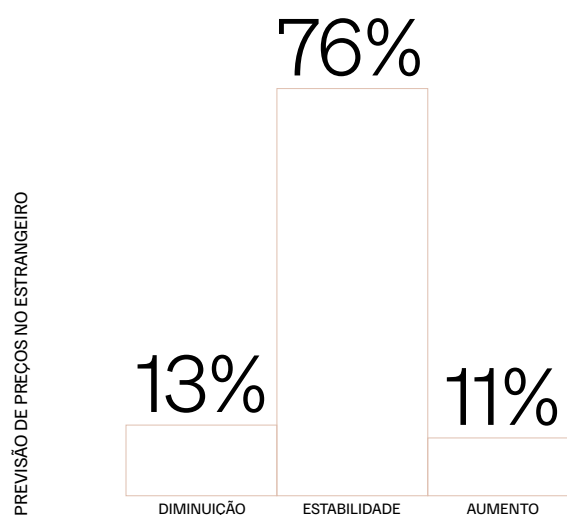
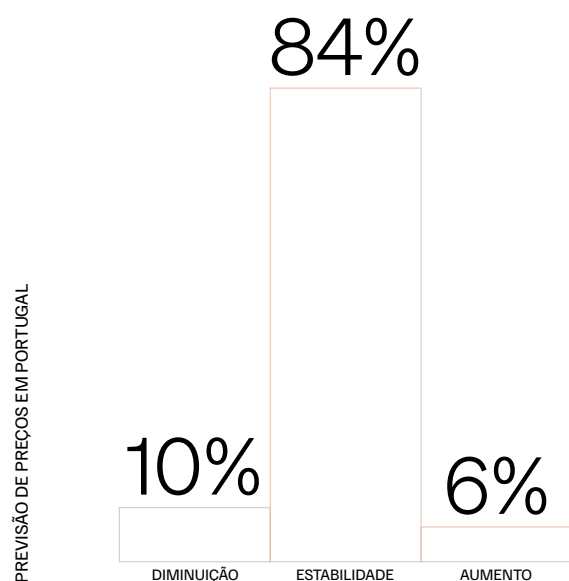
PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



PERSPETIVAS DE PREÇO DE VENDA

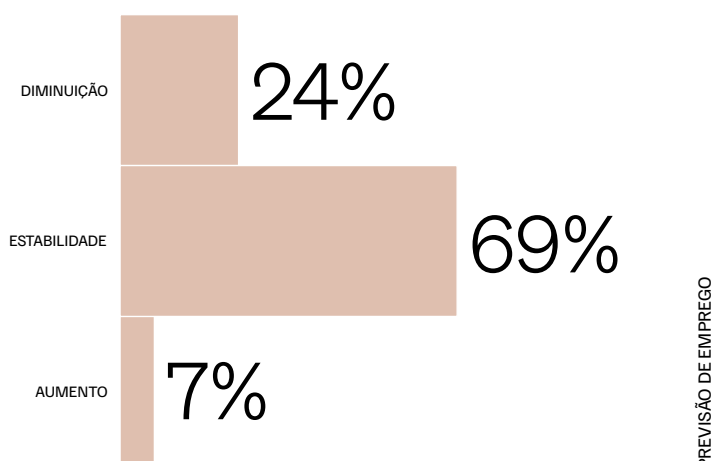
Relativamente aos preços, a larga maioria das empresas acreditam na sua estabilidade, tanto em Portugal (84%) como no estrangeiro (73%). Entre as restantes, as respostas de sentido negativo excedem ligeiramente as de aumento, sugerindo que o período de subida de preços a que se

assistiu recentemente terá terminado. Os saldos de respostas extremas são de -4 p.p. e -2 p.p., respetivamente. Estes saldos resultam sobretudo da visão mais pessimista das empresas de menor dimensão, orientadas para o mercado nacional.



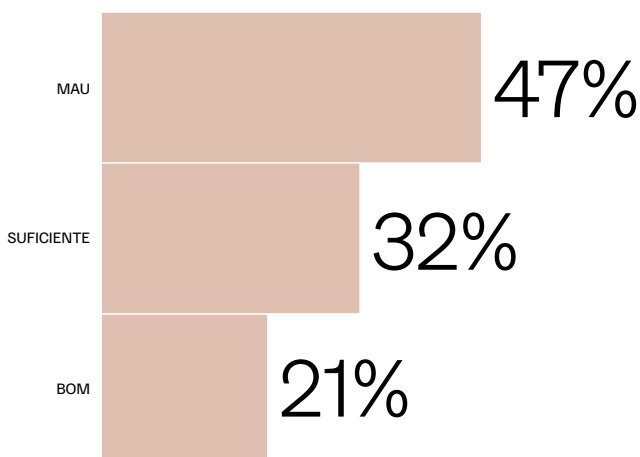
PERSPETIVAS SOBRE O EMPREGO

Mais de dois terços das empresas acreditam que, no terceiro trimestre, o seu nível de emprego se irá manter. O abrandamento da atividade que se vem sentindo leva, no entanto, a que sejam mais as que acreditam que o número de pessoas ao seu serviço vai diminuir do que as que preveem que vai aumentar, gerando um s.r.e. de -17 p.p., o primeiro saldo negativo dos últimos dois anos.



PERSPETIVAS SOBRE O ESTADO DOS NEGÓCIOS

As previsões para o estado dos negócios são também as menos favoráveis dos últimos dois anos: embora quase dois terços das empresas antecipem que o estado dos negócios seja suficiente, as que acreditam que será mau excedem em 26 pontos percentuais as que dizem o contrário. As respostas das empresas de muito grande dimensão são, nesta matéria, as únicas que apresentam um saldo positivo, de 60 p.p. Uma em cada quatro empresas prevê que o estado dos negócios no terceiro trimestre seja igual ao verificado no mesmo período em 2022, mas a maioria pensa que será pior (s.r.e. -37 p.p.).



PREVISÃO DO ESTADO DOS NEGÓCIOS

À exceção das empresas com mais de 250 trabalhadores, todas as restantes apresentam saldos de respostas extremas negativos, quer quanto ao estado de negócios, quer quanto à sua comparação com o ano anterior. Quanto à vocação exportadora, as previsões mais pessimistas são apontadas pelas empresas que exportam cerca de metade da sua produção, atingindo um s.r.e. de -60 p.p., sendo mais favoráveis quer entre as que se focam no mercado nacional quer entre as que se dedicam quase em exclusivo à exportação.

ORIENTAÇÃO NACIONAL	50%	25%	25%
	PIOR	IGUAL	MELHOR
MODERADAMENTE EXPORTADORAS	60%		40%
	PIOR	IGUAL	
FORTEMENTE EXPORTADORAS	45%	32%	23%
	PIOR	IGUAL	MELHOR
TOTALMENTE EXPORTADORAS	42%	35%	23%
	PIOR	IGUAL	MELHOR

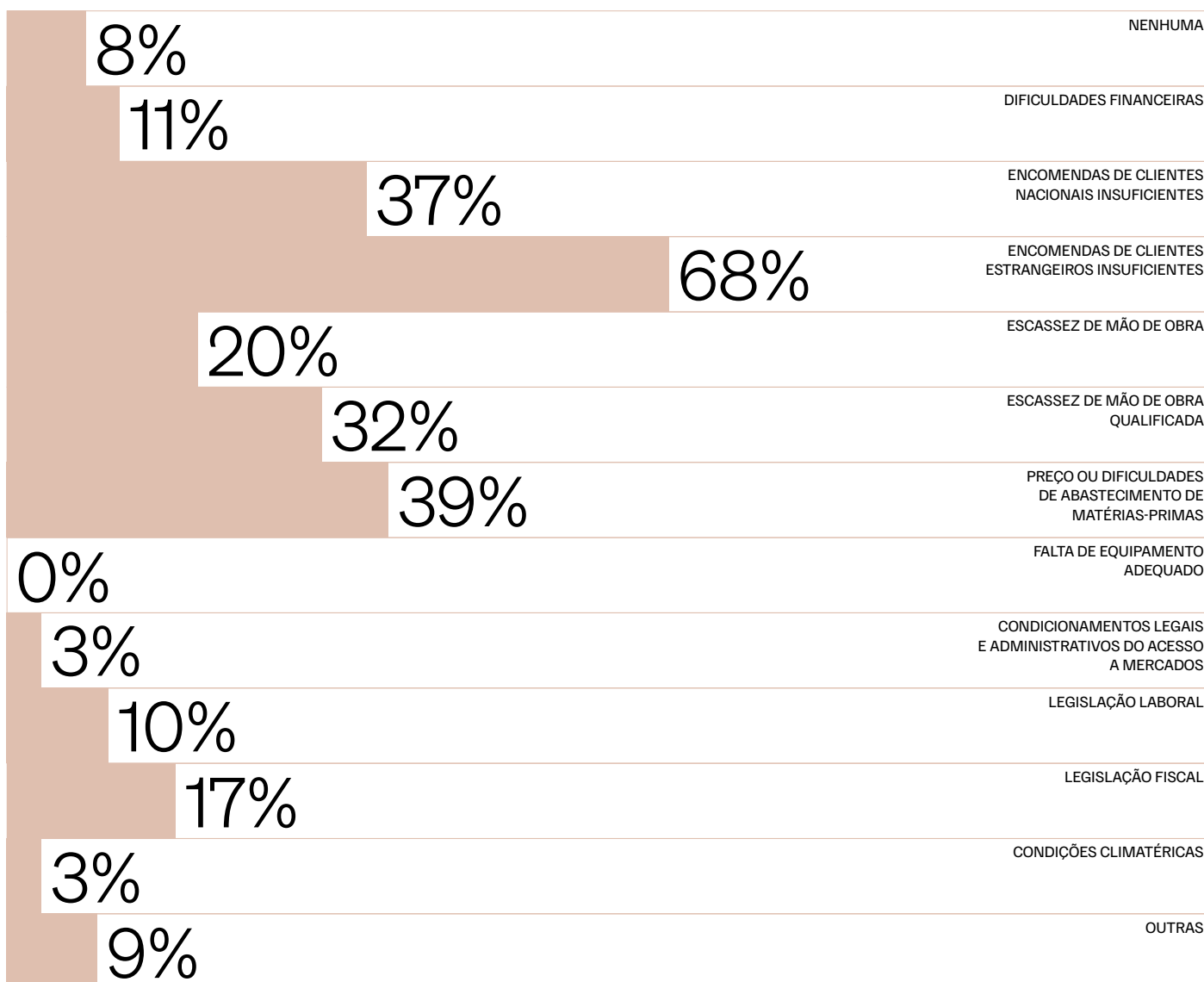
LIMITAÇÕES PREVISTAS

As empresas preveem que, no terceiro trimestre, a maior dificuldade continue a ser a insuficiência de encomendas quer de clientes estrangeiros (68%), quer de nacionais (37%). Os problemas relacionados com o preço e dificuldades no abastecimento de matérias-primas obtém o mesmo número de referências que no trimestre transato (39%).

No mercado de trabalho, prevê-se uma diminuição das dificuldades relacionadas com a falta de mão-de-obra geral face ao segundo trimestre (menos 3 p.p.) e a manutenção da percentagem de empresas que receiam enfrentar problemas relacionados com a falta de mão-de-obra qualificada (32%).

Antecipa-se um abrandamento de cerca de 1 p.p. nas limitações que as empresas esperam sentir relacionadas com condicionamentos legais e administrativos do acesso a mercados externos, legislação laboral, condições climatéricas, mas também das que esperam não sentir nenhuma dificuldade.

Apesar das tendências de abrandamento da atividade, as referências a dificuldades financeiras atingem 12%, apenas um ponto percentual mais do que no trimestre passado.



NOTAS DE CONJUNTURA

A tendência de abrandamento da conjuntura observada em Portugal é partilhada pelos seus concorrentes europeus. De acordo com o Eurostat, no segundo trimestre o volume de produção de calçado na União Europeia caiu 13,3%, quando comparado com o mesmo período do ano anterior. A quebra terá sido de 20,3% em Espanha e de 10,6% em Itália. Em contrapartida, na Turquia, a produção terá aumentado 18,7%. Em relação ao primeiro trimestre do ano, as variações foram negativas, mas bastantes menores, cerca de -1,6% na União Europeia e -3,7% na Turquia. Os preços na produção de calçado aumentaram 7,6% em relação ao trimestre homólogo, no conjunto da União Europeia, com um crescimento muito mais forte em Itália (11,8%) do que em Espanha (4,4%). Em relação ao trimestre anterior, o aumento foi muito mais modesto, apenas 1,3% na UE, com 0,7% em Espanha e 2,3% em Itália.

Em julho, o NECEP da Universidade Católica Portuguesa publicou as suas mais recentes previsões para a economia nacional que apontam para um crescimento do PIB, este ano, de 1,4%. A incerteza que rodeia esta previsão é, no entanto, muito elevada, admitindo o NECEP que, num cenário pessimista, o crescimento possa ser nulo e, num cenário otimista, que possa atingir 2,8%. Para os anos seguintes, o NECEP admite que o crescimento possa acelerar muito ligeiramente, para 1,5% em 2024 e 1,6% em 2025.

Também em julho, o Fundo Monetário Internacional publicou uma atualização das suas previsões para a economia mundial. Segundo o FMI, o crescimento global deverá baixar de 3,5% em 2022 para 3,0% em 2023 e 2024. Este abrandamento tem sobretudo a ver com o desempenho das economias mais avançadas, nomeadamente com a descida da taxa de crescimento da economia americana de 1,8% este ano para 1,0% no próximo. No entanto, também a economia chinesa deverá abrandar, de 5,2% para 4,5%. A inflação mundial deverá descer de 6,8% em 2023 para 5,2% em 2024, mantendo-se consideravelmente acima dos níveis pré-pandemia. Segundo o FMI, os riscos que rodeiam estas previsões continuam a ser significativos e maioritariamente negativos, mas atenuaram-se entre abril e julho.

A Comissão Europeia publicou no início de setembro uma atualização das suas previsões económicas. De acordo com a CE a economia europeia está a abrandar:

"A economia da UE continua a crescer, embora a um ritmo mais lento. O crescimento da economia da UE, que deverá atingir 0,8 % em 2023 e 1,4 % em 2024, foi revisto em baixa relativamente aos valores projetados na primavera (respetivamente 1 % e 1,7 %). O crescimento na área do euro também deverá ficar aquém do esperado, passando de 1,1 % para 0,8 % em 2023 e de 1,6 % para 1,3 % em 2024.

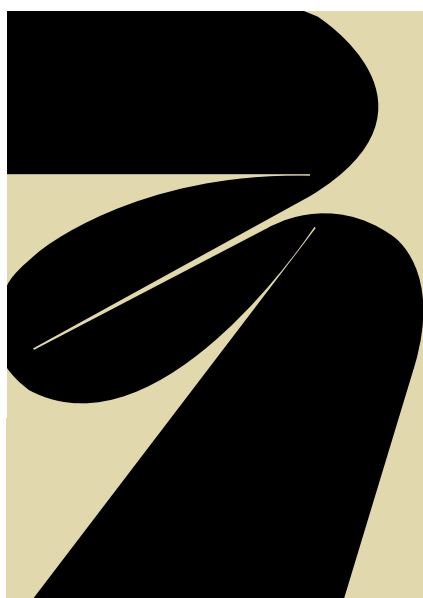
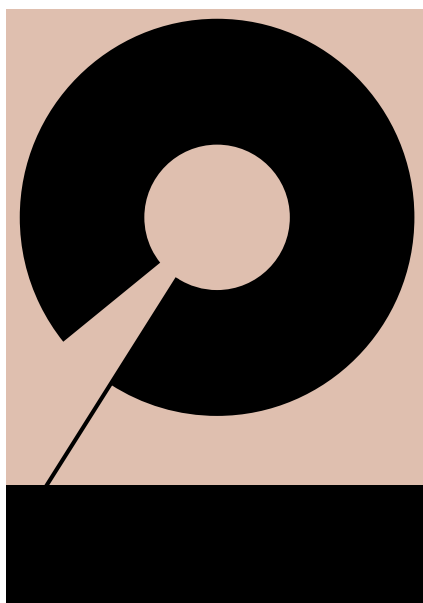
Espera-se que a inflação continue a diminuir ao longo do período abrangido pelas previsões. A taxa de inflação (...) na UE deverá situar-se em 6,5 % em 2023 e 3,2 % em

2024, abaixo dos 6,7 % e 3,1 % previstos na primavera. No que respeita à inflação na área do euro, as previsões apontam para 5,6 % em 2023 e 2,9 % em 2024, em comparação com os 5,8 % e 2,8 % previstos na primavera.

(...) o crescimento deverá recuperar ligeiramente no próximo ano, sustentado por um mercado de trabalho forte, uma recuperação gradual dos rendimentos reais e um abrandamento da inflação.

Comissão Europeia, Previsões económicas do verão de 2023: Crescimento abranda num contexto de descida da inflação e de um mercado de trabalho robusto, Comunicado de Imprensa, 11 de setembro 2023

Para os principais mercados do calçado português, a Comissão Europeia prevê que o crescimento em 2023 seja diminuto (0,5% nos Países Baixos e 1% em França) ou até negativo (-0,4% na Alemanha). A única exceção é Espanha com um crescimento de 2,2%. Em 2024 deverá haver uma retoma muito moderada, com o PIB de todos estes países a crescer entre 1% e 2%.



APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

